**PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA ALÉM DA PRODUTIVIDADE**

**SOBRE A LIBERDADE DA ESCRITA, O GERENCIALISMO E A QUANTOFRENIA UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Marli Dias RIBEIRO.[[1]](#footnote-1)**

**RESUMO**

O relato tem como principal objetivo refletir sobre a possibilidade de avançar para liberdade de escrever desprendendo-se da racionalidade dos números de produção e excessos de conteúdo nas disciplinas propostas nos cursos stricto-senso da universidade enquanto local de trabalho estruturado em metodologias de rigidez científica. A ideia do escrito traz como principal sentido a participação em uma disciplina, Educação, Tecnologia e Comunicação no Curso de Mestrado da Universidade Católica de Brasília, em 2017. A base metodológica adotada é a pesquisa ação por entender que não existe um sujeito e um objeto de pesquisa, todos são sujeitos, ativos para um determinado fim, com vistas a aprimorar a prática, a escrita e a reflexão sobre o contexto nela inserida de forma sistemática. A metodologia qualitativa de pesquisa ação adotada procurou organizar as atividades contínuas dos participantes, auto-observação, observação de outros, a reflexão sobre as transformações da realidade que as ações práticas produziam as percepções, a construção das práticas, e as percepções envolvidas. Aspecto importante revela-se no fato de os sujeitos envolvidos a princípio comungarem de objetivos comuns. Importante destacar que os dados empíricos foram retirados de entrevistas, observação e textos produzidos pelos alunos da disciplina. Como resultado, parece existir uma maior reflexão, participação crítica em relação as atividades de escrita e estudo propostos na disciplina além de uma construção histórica do aprendizado por meio dos relatórios produzidos ao longo do semestre.

Palavras chave: Universidade. Liberdade. Gerencialismo. Quantofrenia.

**Uma voz por liberdade na universidade**

A Universidade enquanto instituição apresenta-se ao longo da história marcada por sua luta pela liberdade e autonomia. Estudos indicam que ela tenha surgido na Idade Média sendo a primeira em Bolonha, Itália, criada em 1150 e posteriormente espalhou-se pela Europa, depois pelo mundo, vinculada ao desejo humano de difundir o conhecimento acumulado.

Antes do surgimento das universidades as únicas instituições que lidavam com o conhecimento enquanto instituição organizada eram os mosteiros e seu papel vinculava-se ao estudo da teologia, filosofia, literatura e entre outro, num ponto de vista da religião, sendo os responsáveis pela preservação da cultura e dos conhecimentos da época. Com o início das atividades nas universidades o conhecimento anteriormente exclusivamente debatido nos mosteiros passou a ser questionado e a ideia de livre pensamento passou a fazer parte das instituições. Seus percursos ao longo de décadas imprimem seu papel social, político, e econômico e sua influência nas relações existentes no mundo parece ser inquestionável, (GADOTTI, 2003).

Segundo Rossato (2005) no Brasil a universidade somente teve sua origem no final do século XIX quando da vinda da família real para o Brasil surgindo somente em 1912 e como principais objetivos a fiscalização e a defesa das terras brasileiras. Foram 300 anos de ensino oferecidos apenas a altos funcionários da igreja, filhos de latifundiários, militares, num modelo firmado por institutos isolados e de natureza profissionalizante elitista que atendia exclusivamente aos filhos da aristocracia colonial. Esse modelo repetiu-se até início a década de 70 quando ocorreu uma alta quantidade de matriculas na educação superior impulsionada pela maior concentração urbana, exigência de melhor formação para a mão-de-obra industrial e de serviços que forçaram o aumento do número de vagas. O século XX de fato marcou grandes avanços para a universidade que teve um crescimento notável.

Nesse sentido Rossato (2005) destaca que a universidade buscou estimular novos modelos de gestão, de modelos de ensino, áreas do conhecimento, intercâmbios, luta pela autonomia, pela liberdade, pela pesquisa e inovação com o intuito de firmar-se enquanto instituição de pesquisa procurando indicar rumos diversos e pensamentos multifacetados para uma sociedade que carece de transformação socioeconômico e política.

Articulando a função da universidade com o conhecimento que é um dos seus objetos principais Severino (2007) afirma que a produção deve ser crítica, criativa, competente e que impõe algumas condições lógicas, epistemológicas e metodológicas para a ciência. A liberdade e a autonomia têm a ver com a atitude e as condições do pesquisador e esse fato incrementam sua criatividade. Sem a liberdade de criar não existe possibilidades de avanços dentro da universidade. E essa liberdade passa pela postura assumida nas instituições. Soma-se a isso a particularidade que envolve a escrita acadêmica. Ela envolve pesquisa, método, objeto, sendo de natureza complexa e demanda tempo diferenciado não podendo ser uma atividade cuja gerencia seja mecânica.

Cabe destacar que na sociedade de hoje a universidade é um lugar de relevância, e o lugar tem grande importância e não deve ser desconsiderado, espaço e tempo são categorias inseparáveis, perdura uma alienação contemporânea a submissão do produtor ao produzido, o homem torna-se um fazedor de coisas, em ações simbólicas, racionais e instrumentais, (SANTOS, 2002).

A racionalidade capitalista parece ter afetado os espaços universitários e o gerencialismo não ficou restrito apenas ao mundo empresarial e corporativo, alastrou-se nos hospitais, nas escolas, nas universidades, possivelmente permeia nossas vidas.

Nessa lógica, Bauman (2003) esclarece que nas esferas institucionais, entre elas a universidade, responsabilizam o indivíduo com processos de conscientização quase inconscientes imputando-os a obrigação da produção, do trabalho a qualquer preço por uma suposta pela ética do trabalho eficiente para produzir mais e mais. Acrescenta-se que os resultados devem estar presentes nas instituições pois seus certificados, sua posição social depende de resultados cada vez mais exigentes. Entretanto o de ato refletir sobre como fazer esse movimento por melhores posições não garantem a emancipação, a liberdade e possivelmente a ação pela ética, pela consciência política e sugerem uma “falta de significados garantidos” e, ao mesmo tempo, promovem uma insegurança nos professores, nos alunos, nos pesquisadores. A falta de certezas é a condição da insegurança. Por isso de que liberdade universitária estamos falando quando as relações vêm se tornando líquida, respondemos não pela criação, mas pela produção, se meritocracia entra como proposta de poder e sucesso individual?

Por outro lado, em Gaulejac (2007) reflete-se que o gerencialismo imposto gera a racionalidade fria e “objetiva” dos números e dissimula-se num projeto *quantofrênico* (a obsessão do número) que faz os homens (alunos e professores) perderem o senso da medida. E se na universidade teríamos como papel a criação, a pesquisa, a contextualização e consciência social de um trabalho para ação coletiva a lógica por produção e resultados nos manipula de forma inconsciente, banalização o ser, aliena, aguça o Narcisismo. O reconhecimento exagerado através de um controle simbólico e difuso por resultados acima de tudo, num dado momento “aluno-pessoa-empresa”, mostra-se em vazios, esgotamentos, coletivo de doentes. A universidade nesse caminho de gerencialismo não pode celebrar o enriquecimento, a liberdade e a autonomia, mas, simultaneamente, cria um estado de crise permanente, para servir à ininterrupta eficácia.

Percorrer rotas de emancipação, de liberdade, podem ser saídas para a comunidade universitária. De certo o crescimento da produção científica brasileira, segundo jornal Folha de São Paulo (2013), não pode aumentar seus números sem prezar pela qualidade e pela criatividade que a pesquisa exige enquanto promotora de ações sociais éticas. Por fim Freire (1999) chama a refletir no sentido de que a educação como prática da liberdade é aquela contrária à dominação, ao isolamento, ao homem desligado do mundo. É um ato de amor e de coragem que não pode temer o debate. A liberdade concebida como destino do homem e que só tem sentido unida a sua história e na luta por se libertar-se, longe da alienação, distante de ser homem-objeto, gerenciado pelo outro.

**O relato em si: a metodologia e a experiência da escrita refletida**

A experiência ocorreu na Universidade Católica de Brasília, UCB, no ano de 2017. A Universidade conceitua-se como uma instituição filantrópica, católica, brasileira, criada em 1974, reconhecida pelo Ministério da Educação que inscreve como essência a promoção do conhecimento, a espiritualidade baseada na ética cristã. Oferece atualmente 50 cursos de graduação presenciais e na modalidade a distância (EAD), 9 cursos de mestrado e 6 de doutorado, mais de 100 projetos de pesquisa envolvendo alunos da graduação e pós-graduação e mais de 50 projetos de extensão, possui também 32 polos de Educação a Distância no Brasil e no exterior. Aponta como missão “atuar solidária e efetivamente para o desenvolvimento integral da pessoa humana e da sociedade, por meio da geração e comunhão do saber, comprometida com a qualidade e os valores éticos e cristãos, na busca da verdade”.

A escolha das disciplinas insere-se na dinâmica estrutural da pós-graduação em Educação, mestrado e doutorado, que estipulam para o mestrado um total de 30 créditos, sendo 24 créditos para disciplinas e 6 créditos para a elaboração da Dissertação. Os 24 créditos para disciplinas equivalem a 8 disciplinas de 3 créditos cada, sendo 5 disciplinas optativas (15 créditos) e 3 disciplinas obrigatórias (9 créditos). O prazo para obtenção do título de Mestre é de, no mínimo, 12 meses e, no máximo, 24 meses. O aluno tem liberdade na escolha das disciplinas que compõem sua formação cumprindo a grade estabelecida e doze alunos optaram pela disciplina Educação, Tecnologia e Comunicação. As aulas foram ministradas uma vez por semana no período vespertino, como disciplina optativa, 60 horas de fevereiro a junho.

A respeito da metodologia empregada no relato, a pesquisa ação, cabe destacar Miranda e Rezende ( 2006) alertam sobre os exageros do praticismo numa incorreta compreensão da pesquisa-ação enquanto falsa noção de que a atuação serve para a solução de problemas isolados, incorreto também é o entendimento da pesquisa-ação para responsabilizar os sujeitos (da ação, da pesquisa) pela mudança pretendida, quando as mediações teóricas, históricas, políticas, sociais e culturais são limitadas, variadas e em alguns contextos as possibilidades da ação individual docente, discente ou da instituição não são preponderantes. A ideia da investigação, do relato, também não pode incorrer numa mera descrição da ação bem-sucedida sem um pensar político, realista e efetivamente transformador.

As vivências nas aulas iniciaram-se com a apresentação pelo professor da trajetória do curso, na apresentação da bibliografia básica e complementar, na dinâmica das aulas, que foram organizadas numa metodologia de participação e construção coletiva pelo grupo. Orientados pelas referências bibliográficas os alunos após leitura, teria como atividade levar as aulas um relatório de suas aprendizagens e percepções que inicialmente era compartilhado na turma e posteriormente debatido e refletido. O professor inicialmente ouve, anota, e depois ao longo dos diálogos no grupo aponta as ideias principais motivadas pelos registros.

Num percurso de aproximadamente dezoito encontros os registros (15 relatórios de observação de aula) e as falas dos alunos a respeito da metodologia em relação a escrita e a partilha dos textos em grupo parecem ter influenciado na forma de olhar o conteúdo sua apreensão e compreensão. Nas aulas, a leitura dos textos produzidos colocou-se como atividade inicial e a participação dos alunos mostrou-se presente numa média de 6 leituras, espontâneas, no decorrer das observações. Deste modo a observação, o registro das aulas, e a entrevista com os alunos da disciplina foram a base desse estudo.

Os primeiros escritos apareceram como relatórios de aula, com data, falas, descrição metódica e objetiva da semana anterior. As leituras mostraram-se inicialmente acanhadas e tímidas, pouca inovação e criatividade, apenas um relato do conteúdo e descrição da aula anterior. A intervenção o professor abriu a percepção dos alunos quanto ao encorajamento das formas, estilos e liberdade na escrita, na reflexão e nos objetivos da produção. No terceiro encontro cada aluno em suas exposições, leituras dos textos imprimia suas próprias formas ao tratar os conteúdos oferecidos pelo professor, seus conhecimentos prévios, suas experiências, sua cultura, na busca de um aprendizado enriquecido na perspectiva da compreensão e identificação dos conteúdos abordados, impregnados de sentido e associados ao contexto. E esse ritmo de escrito parece ter se aprimorado nas demais aulas. Um dos alunos, sujeito 2, relatou que “ o método é muito válido, leva a reflexão sobre temas que contribuem em nossa pesquisa. A escrita é dinâmica e aperfeiçoa nossa comunicação”.

Ao longo das aulas, observando e registrando as ideias e as percepções do grupo, e as minhas, foi possível refletir que no processo de ensino e aprendizagem experimentados possivelmente métodos os utilizados mostraram se criativos, desde a de intervenção do professor, a liberdade de expressão e de forma de expressão, a originalidade, seja ela por relatório, relato de experiência, poesia, música que se fizeram presentes, que permitiram ao grupo interagir e ampliar o universo que foram além do conteúdo antes acordado.

Os problemas mostrados nos textos abriram espaço para discussão dos dilemas e dúvidas de cada estudante, mergulharam para além da disciplina e dos autores inicialmente apontados, atravessaram contextos diversificados do campo da educação, não se limitando as primeiras listas de temas propostas pelo professor no início da disciplina. Ao trabalhar a escrita espontânea, a leitura e o diálogo, possivelmente abriu-se uma conscientização das temáticas de nosso cotidiano num enxergar mais crítico aliado a individualização e a coletividade sem abandonar as chaves de leitura da matéria. Esse aspecto é relatado pelo Sujeito 3 quando exprime na entrevista que “ a disciplina tem ajudado a manter vivo o gosto pela escrita, considerando que a pressão do mestrado nos poda a liberdade e a criatividade. Escrever como eu quero, refletindo, sem perder o olhar teórico e sempre no humano por trás da teoria. Isso é magnífico”.

Nessa perspectiva esse jeito de caminhar pelas aulas mostrou-se ímpar para quase totalidade dos alunos do grupo e quando recorremos a Freire, (1988) indicando que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, aprofunda-se a reflexão, pois a leitura, o conteúdo estudado, varia de pessoa para pessoa, cada texto lido ou vivido tem uma percepção individual, um aprendizado único, que precisamos conhecer melhor, em razão de nossa prática, e de conhecer o que ainda não conhecemos. O sujeito 5 lembra que “ os registros são de grande valia, o ruim seria se não tivéssemos o feedback do professor fazendo considerações, creio que o aprendizado seja satisfatório. ”

A liberdade de sentir o texto, sem a obrigação impregnada de uma técnica, de uma nota a priori, de uma quantidade de linhas escritas dão novo sentido a produção acadêmica na universidade mesmo entendendo da necessidade de sua vinculação com o cuidado científico lembrado por Severino (2007).

Com o intuito de socializar essa experiência avaliada como bem-sucedida por nós educandos da disciplina esse relato não foi produzido enquanto exigência da avaliação do curso, porém com a finalidade de abrir janelas de debate, repensar a quantofrenia e o gerencialismo no meio acadêmico.

Declarações como descrita pelo Sujeito 4, *“a aula é leve e aprendemos muito mais, sem pressão*” pode abrir discussão para a compreensão de que a liberdade de expressão no modelo de aulas proposto pode contribuir significativamente na formação de especialistas abertos a mudança e também corresponsáveis pela dinâmica da aula, das tomadas de decisão numa ação que dá ênfase ao trabalho coletivo. O processo vivenciado ao longo do semestre possivelmente contribua com a discussão, a troca e a proposição de ideias na formação de profissionais, especialistas com habilidades e competências aliadas ao senso crítico e transformador, criativo e livre capaz de enfrentar a sociedade fluida e dinâmica que ora se apresenta.

Na escola, na universidade, Saviani (2008) em suas onze teses sobre educação e política, lembra que se faz necessário compreender que a educação possui uma dimensão política e de dependência reciproca. A verdade é sempre revolucionária, a prática política se apoia na verdade, e não existe verdade desinteressada, então a socialização do conhecimento perpassa pelo entendimento de que a educação é um ato político. A autonomia, a liberdade nessa ação configura bases para transformação social e escolhas dos sujeitos envolvidos na trama. Considerando o exposto a escolha pelo método e pela organização didática da disciplina configura-se uma escolha direcionada pela liberdade no diálogo, na escrita e também no compartilhar das atividades por toda turma.

Talvez o debate proposto, a reflexão iniciada sobre a liberdade da escrita, o gerencialismo e a quantofrenia presentes na universidade sejam passos iniciais para olharmos a produção cientifica não somente como instrumento, objetos propostos a incrementar os currículos, a pontuação e a avaliação da instituição ou do aluno, mas enquanto obra constituída de significados, de criatividade e inovação impregnada de sentido para a transformação social.

**Considerações finais**

A experiência partilhada no decorrer do semestre mostrou uma alternativa para enxergar a universidade não apenas como um espaço acadêmico, uma instituição ou empresa, num sistema capitalista pós-moderno atrelada a ideia da competição, da certificação e do mérito enquanto finalidade em si mesmos. A liberdade experimentada na dinâmica de escrever, dialogar, compartilhar saberes e sentidos parece ter despertado o grupo em relação ao produtivismo exigido no círculo acadêmico.

Nóvoa (2015) alerta sobre a questão questionando as pressões da cultura de “ publicar ou perecer”, sobre o controle de nossa trajetória acadêmica vinculada a um produtivismo cego numa luta pela sobrevivência na selva acadêmica. Adverte que o papel do especialista, e da pesquisa devem passa por apoiar o desenvolvimento social e não somente o econômico de modo que o conhecimento não pode ter um valor comercial imediato.

Cabe destacar que Nóvoa (2015) interroga nesse contexto de ensino, aprendizagem e produção acadêmica uma possível banalização, o autoplágio, o fatiamento de artigos induzido pela excelência almejada. A universidade seria uma instituição empreendedora, uma empresa e nesse rumo perderia seu sentido, sua confiança. Estaria dominada por lógicas burocráticas, métricas e quantitativa.

O modelo gerencialista perpassa a realidade acadêmica e requer de nós, tempo, colaboração, compromisso e sobretudo liberdade para ultrapassá-lo. Educação e ciência parecem não poder limitar-se a instrumentalização capitalista que segue. Talvez ampliar estratégias na formação, na pesquisa e nas disciplinas para além de uma relação produtiva estimule o desenvolvimento de trabalhos mais reflexivos e críticos que levem a pesquisa para as pessoas que precisam dela. Assim, com Nóvoa (2015) o convite ao debate sobre as questões da produção acadêmica, amplia-se para o ensino e a aprendizagem nas disciplinas universitárias stricto-sensu, a base que almejamos se resume numa só palavra, liberdade, liberdade é tudo.

Procurar estratégias diversificadas para conduzir os processos de ensino e aprendizagem na universidade, possivelmente deva passar pela reflexão acerca da realidade atual. Num mundo dinâmico, e cada vez mais exigente em relação a criatividade, liberdade, a autonomia é base que pode sustentar uma opção que se desvencilhe da quantofrenia e da meritocracia que nos exigem no mundo acadêmico de hoje.

Freire (1993) alerta que a tarefa de ensinar e aprender é uma ação profissional que envolve amorosidade, criatividade, competência científica, mas recusa a estreiteza cientificista o que exige a capacidade de lutar pela liberdade sem isso a atividade desfalece. Não podemos ter medo da liberdade, resistência, disciplina e ética estão presentes no caminho de quem procura a ousadia para romper com a lógica da quantidade como medida em prejuízo da aprendizagem e da qualidade que advém de uma maturação, de reflexão.

**Referencias**

1. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
2. Freire, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 22ed. São Paulo: Cortez, 1988.
3. FREIRE, Paulo. **A Educação como Prática da liberdade.** 23ª. Ed.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
4. FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d’água, 1993.
5. GAULEJAC, Vincent de. **Gestão** **como** **doença** **social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.
6. MIRANDA, Marilia Gouveia de; RESENDE Anita C. Azevedo. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 33 set./dez. 2006.
7. NÓVOA, António. Em busca da liberdade nas universidades: para que serve a pesquisa em educação? **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 263-272, jan./mar. 2015.
8. RIGHETTI, SABINE**. Brasil cresce em produção científica, mas índice de qualidade cai..**DE SÃO PAULO .22/04/2013 . <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2013/04/1266521-brasil-cresce-em-producao-cientifica-mas-indice-de-qualidade-cai.shtml>. Acesso em; 03 jun. 2017.
9. ROSSATO, Ricardo. **Universidade: nove séculos de História**. Passo Fundo: UPF, 2005.
10. SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2002.
11. SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.
12. SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Cientifico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.
13. UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA. Conheça a UCB. Pós-graduação. Disponível em: [www.ucb.br/cursos/PosGraduacao](http://www.ucb.br/cursos/PosGraduacao) . Acesso em 05 jun. 2017.

1. Mestranda em Educação pela Universidade Católica de Brasilia (UCB). marli.com@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)